

Apresentação / *Presentation*



Já há algum tempo, vem sendo desenvolvido um número crescente de pesquisas no campo educacional na perspectiva dos estudos foucaultianos, que se caracterizam, na maioria das vezes, por abordarem de modo inovador temas de relevância no cenário contemporâneo. O pensamento de Foucault não se caracteriza por uma unidade, não forma uma teoria estruturada e monolítica. Ele se compõe por teorizações que se articulam, de modo que possa ser tomado por bocados. A obra foucaultiana se oferece como uma caixa de ferramentas, da qual podemos tomar aquelas mais adequadas para enfrentar as problematizações que envolvem nosso trabalho. Contudo, pode-se observar que o foco de suas investigações sofre alguns deslocamentos. O chamado primeiro Foucault realiza seu trabalho com ênfase na análise dos saberes, sendo, por essa razão, conhecido como eixo do ser-saber ou domínio do saber. No segundo Foucault, a ênfase recai nas relações de poder, sendo conhecido como eixo do ser-poder ou domínio do poder. A última fase da produção do filósofo, que constitui o chamado terceiro Foucault, trata das relações do ser-consigo e é conhecido como eixo do ser-consigo ou domínio da ética.

Alguns dos trabalhos desenvolvidos no campo da Educação com inspiração foucaultiana utilizam para suas análises os conceitos do eixo do ser-saber. Embora já tenham sido e continuem sendo realizados trabalhos de destaque com esse ferramental, observamos que tem sido o eixo do ser-poder que tem servido como referência principal para os estudos foucaultianos no campo da Educação. Foi a partir de *Vigiar e punir* que se desenvolveram as primeiras investigações no campo da Educação nessa perspectiva. Essa obra – de importância inestimável para compreensão da Modernidade em geral e, mais especificamente, da constituição da escola moderna – foi tomada como base para inúmeros estudos acerca da Educação e da escola na Modernidade. Foram as ferramentas retiradas das teorizações foucaultianas que nos permitiram compreender que a escola funcionou como o principal dispositivo disciplinar moderno, produzindo corpos dóceis e úteis que tornaram possível a consolidação do capitalismo industrial. Por meio desses estudos, entendemos que a escola, ao mesmo tempo em que é efeito da racionalidade moderna, também contribui para sua produção. *Vigiar e punir* também serviu, algumas vezes, como ponto de partida para pensar as implicações das transformações do mundo e dos sujeitos que ocorrem na Contemporaneidade nas práticas educacionais.

Ainda no eixo do ser-poder, têm sido realizadas pesquisas que tomam como conceito central o de biopoder, que foi abordado por Foucault em algumas de suas obras, com destaque para o primeiro volume da *História da sexualidade: a vontade de saber* e para o curso de 1975-1976 ministrado no Collège de France, *Em defesa da sociedade*. Essa outra modalidade de exercício de poder, diferentemente da disciplina, não tem por alvo o corpo dos indivíduos, mas a população. Ou seja, enquanto a disciplina atua preferencialmente ao nível de uma microfísica, a biopolítica produz seus efeitos no domínio mais amplo da população. Se o propósito do poder disciplinar era a docilização do corpo, o propósito do biopoder é a maximização da vida da população. Para isso, são controladas variáveis como as taxas de mortalidade e natalidade, a incidência de doenças e os indicadores econômicos, levando ao planejamento de ações necessárias para otimizar os efeitos sobre a vida da espécie. De acordo com Foucault, disciplina e biopoder se articulam, reforçando mutuamente seus efeitos. Estudos que tomam o biopoder como ferramenta de análise privilegiada permitem compreender como práticas e políticas educacionais operam intervenções sobre a população para o gerenciamento do risco.

O uso dos conceitos de disciplina e biopoder, a partir das obras supracitadas, já tornara possível uma produção acadêmica que problematizava os temas educacionais de modo a desalojar certezas

já consolidadas e colocava os pesquisadores na posição de hiper crítica. Porém, com a publicação nos últimos anos das transcrições dos cursos de 1977-1978 – *Segurança, território, população* – e de 1978-1979 – *Nascimento da biopolítica* –, ministrados por Foucault no Collège de France, novas e instigantes possibilidades de pesquisa foram engendradas, por conta das questões teórico-metodológicas que essas obras desenvolvem. Elas nos oferecem outros modos de compreender a racionalidade política moderna e seus desdobramentos na sociedade, bem como as transformações contemporâneas que estamos hoje observando. Essas publicações vêm adicionar novos instrumentos à caixa de ferramentas foucaultiana, potencializando os estudos desenvolvidos nessa vertente.

Nesses cursos, encontramos um melhor delineamento daquilo que já se anunciava no curso de 1975-1976, *Em defesa da sociedade*, e no primeiro volume de *História da sexualidade: a vontade de saber*: um trabalho que ainda estava posicionado dentro do eixo do ser-poder, mas deslocando o foco da disciplina para outras formas de exercício de poder. Os cursos de 1977-1978 e 1978-1979 pertencem a uma parte da obra foucaultiana cuja ênfase encontra-se nas questões políticas, sendo caracterizados pelo uso da noção de governamentalidade como grade de inteligibilidade nas pesquisas aí apresentadas. Ao conceito de governamentalidade, associam-se outros, dentre os quais se destacam o biopoder e seu correlato, os dispositivos de segurança.

Essas transformações nas teorizações foucaultianas, que o conduziram a forjar o conceito de governamentalidade, posteriormente encaminharam o filósofo para o domínio da ética. É a partir desses cursos do final dos anos 1970 que podemos compreender o deslocamento do segundo para o terceiro Foucault. Se antes de termos acesso a esses cursos parecia haver um corte, uma descontinuidade entre esses dois domínios, a partir de sua leitura é possível perceber uma continuidade. Essa continuidade está posta sobre as “coisas do governo”. À medida que o filósofo aprofundava suas pesquisas sobre as práticas de governamento modernas, compreendia que a ideia de condução das condutas dos outros não era capaz de dar conta por si própria de descrever e explicar como e porque as subjetividades eram transformadas e as condutas eram alteradas. Foi, assim, que promoveu uma guinada no seu trabalho, levando suas investigações até as práticas de governo de si na Grécia Antiga. Realizou, então, um exercício genealógico cujo fôlego ultrapassou bastante o que até então vinha fazendo.

Em outras palavras: se o biopoder sinalizou o caminho para a construção do conceito de governamentalidade, entendida nesse primeiro momento como arte de governar os outros, será a problematização desse governo dos outros que se desdobrará em estudos acerca do governo de si. A noção de governar a si mesmo, imbricada numa teia conceitual que envolve as tecnologias do eu, as práticas de cuidado de si e a relação do ser-consigo, será o motor para o desenvolvimento do eixo do ser-consigo. Ainda que se observe até hoje um privilégio das teorizações do segundo Foucault nas pesquisas educacionais, sinalizamos que desde os anos 90 tem crescido a produção acadêmica que utiliza as teorizações do Foucault da ética, analisando e problematizando as tecnologias do eu mobilizadas nas e pelas práticas pedagógicas, que medeiam as relações dos sujeitos consigo mesmos.

A compreensão desse importante deslocamento no pensamento foucaultiano aumenta ainda mais o valor dos cursos de 1977-1978 e 1978-1979, somando-se às importantes contribuições conceituais e temáticas aí presentes. Dessa maneira, ficam mais claras as palavras com que o próprio filósofo, no famoso texto de 1982 *O sujeito e o poder*, explicou o objetivo do seu trabalho: diferente daquilo que muitos afirmaram (e que alguns seguem acreditando), o principal objetivo das pesquisas do filósofo não foi a análise das relações de poder, mas “criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos”. Ao avançar nos estudos acerca dos processos de governamento, Foucault compreendeu as limitações de reduzi-los à condução das condutas alheias e passou a ocupar-se dos “modos pelos quais um ser humano torna-se um sujeito”, sujeito de si e para si mesmo.

Voltando à discussão do conceito de governamentalidade, assinalamos que Foucault faz um primeiro exercício de definição na aula quarta aula do curso *Segurança, território, população*, de 1º de fevereiro de 1978, quando apresenta não um, mas três modos de significar esse termo inventado por ele. Todas essas definições enfatizam as relações de poder e as tecnologias de dominação. Mais tarde, quando suas investigações já estão fortemente assentadas no domínio da ética, Foucault

reformula o conceito, que passa a ser tomado como a dobradiça que articula as tecnologias de dominação e tecnologias do eu.

Se mesmo antes da publicação dos cursos *Segurança, território, população* e *Nascimento da biopolítica* já foram produzidas obras importantes a partir da noção de governamentalidade, nos últimos anos foram realizados novos estudos inspirados por essas obras. Em especial, a noção de governamentalidade neoliberal, que Foucault desenvolve no segundo curso, muitas vezes articulada com a noção de biopoder, permite outros entendimentos acerca de temas educacionais contemporâneos, tais como os exames nacionais, a orientação dos currículos por competências, transformações nas propostas pedagógicas e na formação de professores. Por meio dessas análises, observamos que, apesar de a escola concorrer hoje com diversas outras instituições nos processos de subjetivação, ela se constitui em importante *locus* para as práticas governamentais e para as estratégias biopolíticas, desempenhando ainda um papel de destaque nos esforços de transpor uma certa racionalidade política para o tecido social.

Sintetizando, as teorizações foucaultianas acerca da governamentalidade e sua relação com os mecanismos biopolíticos permitem novas e desafiadoras análises e problematizações de nossa história e de nosso presente, em particular no campo da pesquisa em Educação. Ainda que já circule uma expressiva produção que toma como base esse conceito, seu potencial como ferramenta teórico-metodológica está longe de se esgotar. Muitos outros trabalhos têm sido e serão desenvolvidos nessa perspectiva, que se coloca um tanto fora da ordem do discurso pedagógico prevalecente na atualidade. Em especial, muito há para ser feito no Brasil, levando em conta as características sociais, culturais e econômicas do país, bastante diferenciadas do contexto europeu ou norte-americano, onde esses estudos têm sido mais desenvolvidos.

O objetivo do dossiê aqui proposto é dar visibilidade a um conjunto de trabalhos que, a partir dos conceitos foucaultianos de governamentalidade e biopolítica, problematizam de modo original uma gama diversificada de questões atuais, no intuito de divulgar análises que permitem pensar a partir de um viés original as práticas educacionais contemporâneas. Este conjunto de artigos se insere em um espectro crescente de produções tanto de âmbito nacional como internacional que constituiriam o que vem sendo chamado de estudos de governamentalidade e de biopolítica, campo de pesquisa que tem se mostrado instigante ao permitir olhar com outras lentes teórico-metodológicas temáticas relevantes na área de ciências humanas e, em especial, na Educação, produzindo deslocamentos e desacomodações no pensamento dos pesquisadores e de seus leitores. O dossiê será composto por seis artigos inéditos de pesquisadores brasileiros, um artigo inédito de pesquisadores colombianos e a tradução de um artigo de Stephen Ball, incluída por considerarmos que sua circulação no meio acadêmico brasileiro representará uma significativa contribuição para o debate no campo educacional.

KARLA SARAIVA
ALFREDO VEIGA-NETO
MARIA RITA CESAR